

A GRINALDA. N. 2.

VOL. I.

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 30 DE JULHO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de permeio,
P'ra suavizar o trabalho,
A distracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.^o, rua do Ouvidor n.^o 91; Passos na mesma rua n.^o 152; Teixeira & comp.^o rua dos Ourives n.^o 21, a 2⁰⁰⁰ rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

IMERISA.

(ROMANCE.)

POR

JOSE' ANTONIO DO VALLE.

Ella, tão sô, não podia existir sem o amor de um poéta.

II

TÃO SO'....

Um mez se havia passado. Eu estava outro, e meus estudos predilectos eram o da moral religioza e dogmatica e a historia sagrada e ecclesiastica... tinha-me inteiramente esquecido de meu escalpelo de anatomico, com que costumava tactear o interior do homem, e conhecer o segredo de sua organisação... tinha-me tambem esquecido das theórias das composições e decomposições dos principios elementares e constituintes dos corpos, que se examinavam em meu curso de chimica, como si eu não fosse obrigado á sabê-l-as. Mas

eu não tinha um só momento de repouso... as horas me corriam, e desapercebido não as sentia.

Eu tinha visto um anjo!

Era mister estudar a sua natureza, conhecer a sua missão, e, si fosse possível, entrar no ceo com elle, e reclinar-me por sim no seio de Deos. Isto se tornaria, desde o instante em que sentira seu halito e o bater de seu coração, uma necessidade ardentissima de minha alma.

Qual seria a porta da estrada de minha nova vida, e qual a baliza que me faria descansar na minha marcha? A Religiao. E' ella, e somente ella, que nos ensina a verdadeira philosophia da natureza, e nos dita os preceitos divinos que reserva zelosamente á humanidade. Para mais reconcentrar-me em meus estudos, costumava todas as tardes visitar os claustros, e entao reflectivo ouvir os echos dos sepulchros despertados pelo monotono ruido de minhas pizadas. Como me era sonorosa a musica do côro, e gemedora a voz dos finados repetida pelo sino vibrante da pequena torre do Convento de S. Antonio!!... era toda a vida minha uma imagem sombria da solidao e eu todo um amor melancolico e religioso.

Um homem que ama uma mulher vulgar incendeia-se em um volcão de sentimentos perturbados e sem nexo, e desnatura inteiramente o — amor —. Mas o que tem a ventura de conhecer e amar uma mulher-anjo, esquece-se da terra para só pensar no ceo, porque é lá que existe o seu — amor — tão puro, tão doce e tão feliz como o viver do bem-aventurado.

Eu estava n'este ultimo cazo; os meus pensares e os meus cuidados corriam assim como corre a agua doce, azul-clara e aromatica do lindo Gravatahy, do mais delicioso rio da minha terra. E nem al me agradava, — al que não fosse por *ella* e somente *ella*.

Era um dia sombrio, e choviscava. Eu tinha subido com passo lento a ladeira que conduz á porta do Convento de S. Antonio, e passado por sobre a extremidade do aqueducto da *Carioca*, que fornece dé agua á maior parte dos habitantes da Capital do Imperio, sem nada ter visto, nem mesmo sentido o ar humido e frio que me basejava a cazaca e penetrava atravez das dobras do collete. Entrei no interior do edificio e fui passear mudo debaixo das arcadas sustentadas pelas columnas do claustro.

Dous frades iam caminhando pelo lado opposto ao em que

me eu achava. Elles pararam; attentaram em mim; praticaram entre si e separaram-so. Um d'elles derigio-se para o lugar em que me achava e o outro desappareceu á meus olhos.

— Sois sensivel ás mizerias do proximo? perguntou-me o frade.

Eu olhei-o indiferente, não entendi o seu interrogatorio e puz-me á passear sem dizer uma palavra.

— Precizo um serviço de vós, ou antes uma nossa irmã...

O frade á esta segunda allocução examinou-me e suspendeu suas palavras. Eu conheci então que elle necessitava seriamente de mim.

— Em que posso servir-vos, reverendo?

— Sois medico, não é verdade? me interrogou elle.

— Mas ainda não tenho o grão de doutor.

— Não importa, é o mesmo; podeis mais que ninguem prestar-nos o serviço, que tornará alegre e feliz uma familia inteira.

— Não me recuso.

— Então esperai um pouco, eu vou á minha cella e voltarei sem detença.

Com effeito o religioso não se demorou mais de dez minutos. Mas eu pensei, no entanto, em uma multidão de couzas! tive tantas ideias... boas e mas! conjecturei tantas couzas á respeito da minha promessa e do que iamos fazer, que não reparei na vinda do frade sino quando elle me derigio estas palavras.

— Ambos somos ministros da humanidade e das ordens de Deos; vós curaes o corpo dos homens, e nós curámos-lhes as almas: mas é necessário que esta missão seja cumprida á custa dos nossos mais fortes sacrifícios.

— Necessitamos austera virtude, e a sabiduria que nasce d'ella...

— Si a não tiver-mos, si a hypocrisia vier um dia manchar os nossos labios, e profanar o nosso coração... maldiçao!... reprovação eterna!...

— Façamos por ser bons, e á Deos pessamos o auxilio preciso.

— Amen! murmurou o frade.

E fez-me signal para que o acompanhasse. Sahimos e percorremos muitas ruas, sem trocarmos mais palavras. Finalmente elle parou em frente de uma casa de bella apparencia, olhou-me com vista perscrutadora, e disse-me aproximando-se-me de modo que parecia querer que ninguem o ouvisse:

— Guardareis inviolavel segredo?

— Ainda nao jurei sobre o livro de Hypocrates guardar os deveres da minha profissão, mas....

— Esse juramento está gravado em vossa alma de á muito? não é verdade?

— Sim, reverendo! adivinhastes as minhas palavras.

— Confio em vós! Nós vamos entrar; subiremos ate um quarto que fica á esquerda no segundo andar, e lá vos deixarei só com uma jovem, tão bonita como o sol ou como uma estrella, a quem deveis examinar cuidadozamente. Ella se acha gravemente enferma, e por isso não a interrogeis de modo algum. Eu vos espero, para receber vossas ordens.

Entrámos e com effeito fiquei só com a mais linda mulher que eu tinha visto até então. A sua mocidade, a lindesa do seu todo, a frescura de suas feições e a ternura que se lia no volver de seus olhos inimitaveis poderiam sem duvida, arrebatárm e inteiramente seduzir-me, si eu ja não tivesse *Imerisa* na minha alma, no meu coração e em todos os meus pensamentos. Nao pude porem furtar-me, à sua primeira vista, a uma diliciosa admiraçao. Ella comprimentou-me com um aceno de cabeça, e permaneceu, como se achava, deitada debaixo de uma colxa de seda, tendo a cabeça amarrada com um lenço branco.

Comecei o meu exame. A sua phisionomia estava denotando a tristesa e a melancolia, mas eu via atravez desse véo a saude; sua respiraçao era livre e regular, e as pulsações do coração faziam-se com a maior regularidade possivel; seu pulso batia periodicamente... em fim todas as suas funções eram normaes. Pelo que eu podia julgar, mostrava-me que seus padecimentos reduziam-se á uma leve affecção moral, que nem ao menos apresentava o menor indicio na sua economia interna. Não me era possivel interrogal-a, nem a sua gravidade m' o permitia fazer, por isso sahi, comprimentando-a seccamente, e fui reunir-me ao frade, que me esperava.

— Como achaes a doente?

— Vi e examinhei uma moça, cuja organisaçao é excelente e de uma saude de ferro.

— Julgaes que nada tenha,

— Affirmo.

— Escrevei isto mesmo, para responder á esta carta.

E elle me entregou uma carta que lhe era dirigida. Não quiz lê-la, e respondi debaixo de uma firma que eu desconhecia:

« A supposta doente, que me appresentaram, goza de per-

feita saude, a julgar pelas apparencias, salvo si algum mal moral lhe perturba a alma».

— Nem mais precisamos! exclamou o frade lendo o meu escripto; Graças à Deos, que uma familla inteira se con-
graçará, e a paz do Senhor reinará em seu seio! O ceo vos abençõe...

— Era isto somente que precisaveis de mim?

— O ceo vos abençõe *per omnia secula seculorum*. Não vos offereço recompensa...

— Meu padre!

— Calo-me humildemente. E' S. Francisco que hade pedir aos pes de Deos pela vossa salvação. Agora é de necessidade que nos separemos.

— Adeos, meu reverendo.—

— *Pax vobis.*

E eu deixando o religioso fui á caza de Imeriza, sorver em seus labios o mel da ternura e da virtude. Quando nós nos aproximamos a aquelles cuja pureza resumbra um aroma de jasmims ou de rosas, tornamo-nos perfumados de seus dons, de suas qualidades angelicas.

Desde entao fui mais assíduo do que nunca em vizitar a bella e engracada mulher, que eu amara no leito da dôr, e que de dia em dia se me tornaya mais interessante. Ella, por sua parte, cada hora, sem o saber, me amava mais.

Um dia grato chegou para nós!... Chovia, e chovia a potes como se costume dizer; e eu não podendo deixar de ver Imeriza, sahi de minha caza e fui procural-a.

— «Sinto á esta hora encomodar-vos, disse eu vendoa; mas folgo ter-vos mostrado que as tormentas da natureza não foram capazes de fazer estremecer um coração que palpita...»

Era este um trecho da — *Divina Pastora* — novella que eu entao estava compendo. Ella pareceu surprehender-se, mas nada me disse. Poucos dias depois se-haviam passado; e eu ao lado de Imeriza lembrava-me do que tinha feito e contava-lhe como contraria ao meu anjo da guarda, todas as minhas ações.

— Não te zangarás comigo?

— E porque?

— Porque hoje estava só-sosinho, e observava a verdura do morro de S. Theresa com uma tristura espantosa; não sei como aquellas plantas me intristeceram tanto!...

— E depois?

— Depois procurei uma cousa em minha alma que me consolasse. . . . achei. . . . foi Deos, e. . . .

— Foi Deos?!

— Foi Deos e fostes tu! Vi a tua imagem presente á meus olhos, tu me fallavas, dizias tantas cousas! . . .

— E porque me heide zangar comtigo?

— Pensei; mas obrigado. . . . consentis que vos beije a mão? E ella m'a estendeu com uma languida ternura.

Beijei a mão que soccorria aos desgraçados e que, a mais pronta, se estendia á enxugar as lagrimas das viuvas e dos orphaos — a mão de um anjo. . . .

Eu não podia ter mais ventura!

Tinha já comprehendido o que era um ente angelico, paramentado com as vestes terrestres — e eu amava a minha Imerisa.

Esquecera-me totalmente da moça que vira desolada e só em um leito, e do frade que me levára do convento para examinal-a: meus pensamentos erão todos da religião e do amor santo, que seuão descreve, porque não seria comprehendido na terra, porque só no céo é que existe, na morada de Deos. Uma manhã porem sahi para ir a missa, e não escolhendo Igreja entrei na primeira que vi. Não examinei como é do meu costume, as pessoas que ahi estavam, mas apenas findou o sacrificio christão, reparei em uma jovem que me acenava para que chegasse á ella; suprehendido adiantei-me, e conheci a minha doente incognita, no meio de uma familia presidida por um ancião respeitavel.

— Meu salvador! exclamou ella dando-me a mão para apertar — Meu pai, continuou fallando ao ancião, tinhamos procurado-o tanto! Vede-o: seria esta a imagem, que tinheis formado na alma, do homem que nos restituio á felicidade, que me restituio ao vosso coração.

— Senhor Doutor! bradou o velho radiante de alegria.

Meus ouvidos acostumados, na escola de Medicina á este titulo, que os estudantes se dão mutuamente desde o 1.^o anno, não poderam ouvir-o então impunemente. Minhas faces se enrubreceram, meus olhos se fixaram no pavimento do templo. O titulo de doutor me não pertencia ainda, e por isso me confundio. E ainda mais os cumprimentos e os agradecimentos multiplicados que me fizeram tantas pessoas, completaram o meu embaraço. Mas era hora de sahir; pediram-me que as acompanhasse e eu obdeci. Entrando em sua casa, que ja conhecia, demorei-me pouco, e prometti que voltaria para

envir o motivo de sua gratidão. Eu ainda ignorava tudo o que se havia passado, e qual o efeito do insignificante serviço que me parecia ter praticado.

Quando cheguei á minha caza achei uma carta, que me tinham trasido, sobre a meza-falsa da secretaria; abri-a sofrigamente e devorei-a com os olhos e com o pesamento; mas um fluido muito frio me côou pelas veias e pelas arterias depois alevantei-me estupidamente, e como se não pudesse acreditar ao que tinha lido tornei a passar-a pela vista.

« Rogo-lhe que visite minha filha o menos que for possível. Circunstâncias graves reclamam esta medida, que espero ser posta em acto porque conheço a sua prudencia. »

E a letra era da mae de Imerisa.

— E' uma ordem! disse eu commigo; oh Ceos! e poderei cumpril-a? Mas é mixter; irei hoje, e depois... então!...

A dor me suffocava!

Seria a hora da *Ave Maria* — eu não me lembra bem! seria á essa hora que eu pizei o limiar da caza de Imerisa, do tempo que guardava a minha santa bem-querida, e perguntei por ella, e ninguém me respondeu. A' força de procural-a encontrei-a chorando.

— Que tens meu anjo? perguntei-lhe afflito.

Um novo sofrimento apparecera em minha alma.

Nada, me respondeu ella seccamente; eu tudo vi; estava na Igreja...

— Estavas na igreja?!

— Admiras-tes? pois bem; não me verás mais... adeos!

E ella me fugiu ligeira.

Vem ca meu anjo bradei eu; si nunca tivesses sahido do ceo não terias agora cometido uma falta! na terra tudo se profana! Tinha de revelar-te um segredo, e queria que me ajudasses a cumprir a ordem de tua mae, e tu fugiste! fugiste de quem te adora, de quem só vive por ti!!

E não podendo mais vê-la, desci as escadas, e fui para o sótão de minha habitação pensar em meu estado.

— Uma ordem de sua mae! um repudio *d'ella*! fallei mil vezes á mim proprio.

Tudo me fugira; meus sonhos de ventura se esvaneceram e eu estava então no muudo só-zinho...

Tão só!—

(Continuar-se-ha.)

O MEU BOTÃO DE ROSA.

I.

Deu-m'o Odilia, commigo brincando um dia.
 Quereis ver o meu botão de rosa tão lindo? — elle é meu,
 é de côr tão suave, seu perfume é tão doce!
 Quereis ver essa minha rosinha ainda fechada? seu pequeno
 calix é verde, as folhinhas são verdes — eu gosto de uma
 rosinha assim tão mimosa!
 Porque foi della — porque o colleu no seu jardimzinho.
 Brincavamos um dia — eu amava seu candido prazer — ja farta
 de commigo se enterter, foi-se á sua roseira — vergou-a
 cortou-lhe ligeira a sua mais formosa flor.
 E a roseira ficou sem botão! coitadinha!
 E ella na manhãa seguinte tinha gottas de lagrimas ornan-
 do suas folhas, parecia triste essa roseira, por lhe haverem
 roubado o seu botão.
 Chorava eu de a ver assim tão mesquinha — esperando o
 sol para queixar-se da violencia de Odilia.
 « Oh » lhe disse eu » não lh'o contes, minha roseira edula,
 não lh'o digas; segredo, que esse sol poderia queimar-lhe
 a côr tão mimosa de seu rosto.
 « Poderia despeitado fazer seccar o seu predilecto pésinho de
 violetas.
 « Poderia enfadado queimar a areia, sobre a qual ella poisa
 seus pezinhas.
 « Poderia deslumbrar-lhe a vista de seus olhos fagueiros
 — serenos — languidos.
 « Eu terei cuidado em chegar-te terra ao teu pé, regar-te
 todas as manhãas com agua fresca da fonte; e tu cres-
 cerás — novas folhinhas nascerão de teus peciolos — e uma
 nova florinha bretará do novo gommo.
 Nem mais lhe disse, porque enterneida d'ebrou com o pezo
 de seu remorço de querer fazer-lhe mal, a ella sua se-
 nhora — a ella sua e minha Odilia — a ella tão viçosa
 entre as florinhas de um jardimzinho.
 Amo esta roseira que assim ouviu meus rogos.
 Eu lhe mostrei o meu botãozinho mimoso — surriu-se com
 ar enfadado.
 Coitadinha — eu tinha a sua pequena florinha — no meu peito
 — bem sobre o coração.
 Odilia ali m'o haviá collocado —

Eu guardarei esse presente meigo — e lembrar-me-hci della — e tambem, talvez, da roseira.

Cuidadoso guardei-o, cuidadoso colloquei-o ao sereno, n'uma noite em que a lua aparecia no firmamento.

Ao outro dia fui vel-o, para o pôr no lugar em que ella m'o havia posto; estava lindo tao lindo como hontem — tao lindo como ella o imaginara para mim.

Alegre — beijeil-o mil vezes — mas com cuidado — porque não queria tocar-lhe de medo de o desfazer.

Eu estava longe della, nesse dia de auzencia — e não estava triste porque tinha o meu betao de rosa bem lindo — ella m'o havia dado — era meu e era della!

E eu afagava-o meigamente — fallava-lhe — tornava a beijal-o — fazia-lhe mil perguntas — oh eu tinha mil planos para esse pequenino botão.

Queria mostral-o a miuba mae — porque ella ama as flores.

Queria depôl-o em um vasinho singelo em agua bem fresca.

Queria perto delle adormecer e sonhar com ella.

Eu sei — eu queria mil cousas com elle.

Era tão lindo, lindo tal que nunca havia visto um assim; era tão lindo como ella, era tão querido como ella, era ella mesmo.

Sabeis o que aconteceo? sabeis o pobresinho como me abandonou.

Abriu em uma linda rosa, era uma de suas faces; — e pouco tempo depois cabirão-lhe as petalas — murchou — morreu.

Oh que eu fiquei triste e desconsolado.

Chorei por havel-o perdido.

Eu não possuia o presente della.

II.

Seccos e mesquinos restos da minha rosinha cahirão — sobre as paginas do meu album.

Abi ficarão para memoria do botão que assim abandonou minha possessão.

Que mal lhe fiz? que tratô lhe dei senão delicado.

Coitadinho longe da mae que o havia brotado, falleceu à mingoa talvez das caricias maternas.

Que não as minhas — são as caricias da roseira mais mimosas e singelas.

Ella sabe menear ou embalançar seus fructos meigamente, em seus bercinhos bafejados pelo zephiro da manhão.

Mas Odilia assim não me abandonará — será sempre minha — sempre a mais linda e viçosa creaturinha.

Deus a fez tão formosa, deu-lhe uma alma tão pura — e um coração que se moye singelamente no amor de virgem.

Deus me fez, para ve-la como ella é — se-la para mim, se-la para eu cuidar — de sua existencia.

Uniu nossas almas, uniu nosso amor — nossos suspiros — nossas lagrimas.

Sou bem contente de a possuir!

Que queria eu mais que ella!

O que sobre a terra encantaria mais minha imaginação!

Nós seremos dois neste mundo, marcharemos bem a par um de outro, velarei teu caminho, afastarei os espinhos que encontraras — eu serei teu companheiro, contando-te coisas variadas, mostrar-te-hei o céo com as estrellas — o corrego com os seus ceixinhos — a cascata com a sua espuma branca — assentar-nos-hemos, quando cançados sobre alguma pedra, à sombra e encostada a meu braço dormirás ali o sonno refeitor de tuas forças — e depois alegres marcharemos ao termo.

Quereis mais Odilia?

Eu fallar-te-hei de Deus, de ti e de minha mãe.

Nem fallaremos de amor, porque este deve estar só na alma, nunca em meus labios que nem o sabem balbuciar: só tu me fallarás de amores, tu bem o sabes, que não o profanas — porque és pura e tão singela como elle.

Sei amar-te sem t' o dizer — assim como a tua roseira te ama. Quando reparo em teus olhos — enrubeces, é que sentiste a phraze sublime do meu olhar.

Quando olho para as tuas florinhas — eu rio-me; e tu te surris; é que tu sabes que com tigo as amo.

Nosso amor é mudo como som de sopro aero.

Nosso amor é em segredo, como se amão os passarinhos sobre o galho.

Nosso amor é mudo, tão mudo, como se amão nossos olhos.

Nosso amor é em segredo, como se amão nossos labios.

Mas jamais me dês outro botãozinho de rosa, deixa-o crescer sobre a roseira, deixa-o desabrochar, e de manhãa quando a vesitares, beija-o, e diz-lhe que é minha também.

Deixa a roseira criar seus filhinhos.

Queres tu que a mãe não gema, o filho não desinhe quando o arrançao de seus braços!

Mais duravel que esse botão, mas constante em vida, será o botãozinho de teu amor que conservo dentro da alma.

Ahi se alimenta elle da minha vida, jamais fenece.
 Ahi elle é eterno, porque a alma é immortal.
 Será este só o meu mais querido botão da tua reseira da
 vida — o teu amor.
 Outro não quero.
 Quando chegar o tempo de desabrochar, tu o verás.
 Será a mais linda rosa da existência — a amizade eterna e santa.

LUIZ CORREA DE ALMEIDA JUNIOR.



ELYALDO

AO PRINCIPE HERDEIRO DO SOLIO BRAZILEIRO.

(PARA SER CANTADO POR UM CÓRDO DE VIRGENS)

Lindo infante, doce aurora,
 Doce aurora do Brazil
 Surgio no céo magestoso
 Sereno, azul' cor d'anil.

Virgens, corramos
 Ao throno exultar
 Que nova florinha
 Começa a brotar,

De Pedro Segundo Augusto
 O Augusto herdeiro nasceu
 Mais um presente prímoso
 A' nossa terra o céo deu.

Virgens, corramos
 Ao throno exultar,
 Que nova florinha
 Começa a brotar.

Os nossos prantos amargos
 Deus bondoso fez seccar
 Ja temos um anjo puro
 Que nos hade governar.

Virgens corramos, &c.

Oremos com alegria
Com virginal devoção
Pelo bem que recebemos
E sua conservação

Virgens, corramos

Viva a Familia Imp'rial
Co'o seu mimoso botão
Viva a nossa amada patria
E viva a constituição.

Virgens, corramos &c.

CANTATA

Ao feliz nascimento

DE

Sua Alteza o Príncipe Imperial.

Hia, da noite, o veo caliginoso
Descambando o crepusculo sombrio,
Para mostrar-se a bella madreperola
Reflectida por Astro lusidio !
Occultando se a noite apenas ia
Bafejada por zephiro mavioso,
E ao som de canto assás melodioso
Surge o mais bello, mais formoso dia
Embalado por brisa sonorosa,
Saudado por myriades de alados,
Que vão, com seus dulcios trinados,
Espalhando candentes harmonias !..
Ei-lo, de graças, recheado encanto !..
Bem vindo, ó Astro, que rasgaste agora
Da tarda noite, o veo mysterioso !
Bem vindo, ó nuncio da esperança extrema
D'um povo que almejava-te ancioso...
Appareces tão cheio de belleza
De pompa, de fulgor e de grandesa,
Causando tal prazer a um povo inteiro
Que te saúda o Imperio Brazileiro !!!

Rompem-se as nuvens do ceo,
 E na celeste manção,
 Cantada por Cherubins,
 Se escuta alegre canção.
 Concede Deos uma Graça
 Logo após, a mando Sen,
 Brilhando no immenso espaço
 Uma Estrella appareceu!
 Acordando a Natureza
 Meigo sorriso Soltou.
 E a Estrella que folgarava
 N'um Anjo se transformou!

E esse Anjo era um Principe!.. tão lindo
 Como um sorriso harmonico da Aurora!..
 Da madrugada, as lagrimas do orvalho
 Que aviventão a prodiga Natura,
 Que ás flores dos jardins rompem as galas,
 Não são mais bellas! mais gentis! mais ricas!..
 E esse Anjo era um Principe querido,
 Filho de Prole Augusta, Illustre Prole,
 Mimo dos Paes... anhelo d'este povo,
 Que tão cheio de amor o encara est' hora.

Anjo és tu, e do Ceo te deslisaste
 Como o luzir da rapida scentelha,
 Si como um meteóro o Ceo cruzaste
 Para em terra poistar só por instantes,
 Oh! para que vieste?.. Mas que digo?..!
 Não sabes tu, que os corações te almejão,
 Que formão, entre si, uma cadeia
 De anneis indistructiveis, perduraveis?
 Deos o sabe, Elle é Justo, Bom, Piedoso,
 Elle a nós te mandou... tu serás nosso.
 Cresce mimo infantil, cresce ligeiro
 De Sagrado Hymeneo, Fructo Sagrado,
 Nas Virtudes dos Paes industriado.
 Faze feliz o povo Brazileiro.

SONETO.

A' LUA.

Oh! Ceo da minha pátria! Oh! Ceo dourado
 Do meu rico Brasil, como és formoso! .
 Como é teu alabastro primoroso!
 Ceo azul de crisolitas gravado!!!

E' noite... eu te contemplo extasiado.
 Brilha em ti esse astro primoroso...
 Archote de um clarão delicioso!
 Saphira aqui!.. rubim lá dispersadó!!!

A' cadente harmonia que propala
 Esse astro, rival do astro do dia,
 Oh nada, nada n'este mundo iguala!

Vinha dizer-me a vā philosophia :
Não ha Deos... Não ha Deos.., perversa cala,
 Mentes blasfema! deshūmana! impia!!!

B. J. B.

LYRA.

Vae ligeiro pensamento,
 Vae a Marilia saudar,
 Dize que distante d'ella
 Vivo sempre a suspirar.

Faz sciente quanto soffre
 Meu coração magoado.
 Pede a ella que se lembre
 De quem é por ella amado.

Conta os estragos que faz
 Tão acerba e dura ausencia,
 Porem que existe em meu peito
 Da constancia a pura essencia.

Retrata meus soffrimentos
 Com as mais exactas cores,
 Para que fique já sabendo
 Quanto custa ter amores.

J. L. N.

CONTO.

—*Bemdicto seja para sempre o ouro.*
Que a si sabe chamar outro dinheiro!.. —
 Exclama um avaro, stando ouvindo
 Servo que lhe servia de caixearo.

O rapaz reflectindo, este bom dicto,
 Que para quem deseja é tão suave,
 Suppos em sua mente ambiciosa
 Achado ter, da felicidade a chave,

Do salario dinheiros ajuntando
Por moeda de ouro elle trocou;
E na greta da burra do avarento
Segurando a moeda ella encostou.

Certificar-se quiz do avaro o dicto
 Procurando as moedas attrahir,
 Não sei se, por castigo, ou por descuido
 ella dentro da burra foi cahir.

O coitado a chorar vai ter co'amo
 Negalhe o facto d'attracção do ouro;
 Conta que procurando convencer-se,
 A moeda cahira em seu thesouro.

—*A prova n'isso tens de que é verdade,*
(Responde-lhe o avarento mui contente),
Vê tu lá como o ouro meu, querido
Chamou tua moeda de repente.

A pesar de não dar o teu dinheiro,
A tua experientia não condemno;
Se ganhei a razão é muito clara:
Sempre pôde o maior que o mais pequeno.

B. J. B.

CHARADAS.

1.^o

Sou de papeis, de cartas, ou de linhas—1.^o e 3.^o
 No dragão existo, mas não sou danoso—2.^o
 E' triste assim viver sem compaixão—3.^o

Indolente vadio e preguiçoso.

2.^o

Sempre tenho-me em Clementina,
 Porem nunca em Catullo ou Christiano—1
 As vezes ao estudo é inclinada,
 Outras vezes porem a fazer dâmnio—2

E sendo nome proprio masculino
 E compassivo, piedoso, humano.

3.^o

Se fora um só, tal nome não tivera,
 Igual em tudo, em tudo semelhante.—1
 Nem por ouvil-o... a minha ingrata Liza
 De mim se tem mostrado mais amante—3.

Na poderosa Inglaterra
 Sou lugar de distincção;
 Em mim se fazem as leis
 Que reger deve a Nação.

ANECDTOA.

Uma senhora, assistindo á procissão do *Corpo de Deus*, teve a curiosidade de contar os cavalos do estado do Glorioso S. Jorge, e como infelizmente troxessem o numero de doze, disse muito presumida de si: *não tem dúvida, são os doze Apóstolos.*

Explicação das charadas do n. 1.^o—1.^o—Epitafio.—2.^o—aspero.—3.^o—regato.—